

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE

CURSO DE PSICOLOGIA

JULIANE HIROSSE MALIZIA

**“VOCÊ ESTÁ LOUCA!!!”: GASLIGHTING SEGUNDO A PERSPECTIVA
MATERIALISTA DE GÊNERO**

ARAGUAÍNA

2020

JULIANE HIROSSE MALIZIA

**“VOCÊ ESTÁ LOUCA!!!”: GASLIGHTING SEGUNDO A PERSPECTIVA
MATERIALISTA DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Dom Orione como requisito parcial à obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Ma.Júlia Carolina da Costa Santos

ARAGUAÍNA

2020

JULIANE HIROSSE MALIZIA

**“VOCÊ ESTÁ LOUCA!!!”: GASLIGHTING SEGUNDO A PERSPECTIVA
MATERIALISTA DE GÊNERO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione e aprovada em sua forma final em: 05 de dezembro de 2020.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

Profª Mestra Júlia Carolina da Costa Santos
Orientadora

Profª Mestra Carmen Hannud Carballeda Adsuara
Examinadora

Profª Doutora Viviane Costa Barbosa
Examinadora

**“VOCÊ ESTÁ LOUCA!!!”: GASLIGHTING SEGUNDO A PERSPECTIVA
MATERIALISTA DE GÊNERO**

**“YOU ARE CRAZY !!!”: GASLIGHTING ACCORDING TO THE MATERIALIST
GENDER PERSPECTIVE**

Juliane Hirosse Malizia¹

Júlia Carolina da Costa Santos (Or.)²

RESUMO

O presente trabalho tem como base investigar o fenômeno Gaslighting e suas formas de atuação. A temática foi delimitada nas relações afetivas heterossexuais e sua análise foi realizada por meio da perspectiva materialista de gênero. O objetivo de estudo se deu em compreender como esse tipo de violência ocorre dentro dos relacionamentos, e como identifica-lo, tendo em vista que é uma violência que ocorre frequentemente no Brasil. O estudo foi realizado a partir do método dedutivo, por meio de um levantamento de literatura. Por fim, conclui-se que há anos o termo “louca” tem sido usado para deslegitimar a fala da mulher, e que o gaslighting está inserido nas relações sendo naturalizado para assegurar os sistemas de poder do patriarcalismo e do machismo o qual se deve colocar fim.

Palavras-chave: Gaslighting. Você está Louca. Violência contra a Mulher.

ABSTRACT

The present work is based on investigating the Gaslighting phenomenon and its forms of action. The theme was delimited in heterosexual affective relationships and its analysis was carried out through a materialist gender perspective. The objective of the study was to understand how this type of violence occurs within relationships, and how to identify it, considering that it is a violence that occurs frequently in Brazil. The study was carried out using the deductive method, through a literature survey. Finally, it is concluded that for years the term “crazy” has been used to delegitimize women's speech, and that gaslighting is inserted in the relationships, being naturalized to ensure the power systems of patriarchy and machismo which must be placed end.

Keywords: Gaslighting. You are crazy. Violence against Women.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione.

² Mestra em Educação pela UEMS. Docente da Faculdade Católica Dom Orione.

1 INTRODUÇÃO

A escolha da temática deste trabalho surgiu após os questionamentos nas redes sociais acerca do uso da palavra “louca” presente na violência contra a mulher com o intuito de questionar a sanidade mental da mulher, e/ou deslegitimar a sua fala. Ao pesquisar a respeito da mulher louca e como surgiu essa definição, o fenômeno Gaslighting manifestou-se por meio dos resultados das pesquisas realizadas.

No Brasil, a organização social de gênero é construída e influencia cotidianamente a violência contra a mulher, a qual ocorre de diversas maneiras e intensidades, por meio da ironia, estupro, da reprodução forçada, e da agressão (SAFFIOTI, 1994, p.443). Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), no primeiro semestre do ano de 2019, a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência recebeu cerca de 46.510 denúncias por meio do Ligue 180. O número supracitado representa um aumento de 10,93% em relação ao mesmo período de 2018. Além disso, o Atlas da Violência publicado em 2019 mostra que houve um aumento dos homicídios femininos no Brasil em 2017, por volta de 13 assassinatos por dia. Resultando ao todo em 4.936 mulheres que foram mortas, sendo o maior número registrado desde 2007.

A violência é o rompimento da integridade do indivíduo, podendo ser física, moral, psíquica ou sexual (SAFFIOTI, 2015, p.17). Além disso, existem vários tipos de violência, e que podem ser rejeitadas ou condenadas, assim como, incentivadas ou toleradas. Mas, em todas as formas em que ocorrem as vítimas sofrem com as marcas, sendo físicas e/ou emocionais (BUSIN, 2015, p.77). Desse modo, percebe-se que a manutenção de papéis sociais atribuído aos homens e mulheres contribui para a violência contra a mulher, que se configura como uma violência de gênero, pois a vítima dessa violência pertence ao gênero feminino (MUHLEN, & STREY, 2013; SCOTT, 1995 apud CURIA et al, 2020, p.3).

Ao realizar uma análise histórica, no regime patriarcal, as relações de autoridade e de controle estavam direcionadas aos homens, enquanto as mulheres e as crianças tinham como ambição apenas a consideração do patriarca, pois eram vistas como seres insignificantes (SAMARA, 1986, p.201 apud SILVA, 2010, p.27). As mulheres, naquela época, deveriam transparecer uma imagem frágil, construindo a ideia de que a mulher é inferior ao homem devido a sua natureza, e que deveriam ser submissas, passivas e um exemplo da moral e dos bons costumes (SILVA, 2010, p.28). No entanto, as mulheres que apresentavam comportamentos que fugiam do padrão definido pela ideologia dominante, eram alvo de repressão, chacota e eram rotuladas como doentes e diagnosticadas como “loucas”

(SAFFIOTI, 1989, p.36). Desse modo, percebe-se a presença do gaslighting, que é considerado um protocolo de reclusão, atuando com o objetivo de desqualificar o discurso da mulher, assim como, mantê-la no espaço privado do lar por meio da intimidação, dominação e o seu silenciamento (SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.19).

Levando em consideração a relevância do tema apresentado, correlacionando a saúde mental da mulher e a violência contra a mulher, foi utilizado neste trabalho o filme “Gas Light” (À meia luz) a fim de apresentar o fenômeno Gaslighting em uma relação heterossexual abusiva onde foi comumente utilizado a frase “você está louca”.

Para a elaboração do trabalho foi realizado um estudo exploratório através de uma pesquisa bibliográfica, entre os meses de agosto a outubro de 2020 nas plataformas de pesquisas Scielo, Plataforma CAPES/MEC e Google Acadêmico utilizando combinações entre as palavras “gaslighting”, “violência contra a mulher”, “violência psicológica”, “violência de gênero” e “louca” e refinando a pesquisa para resultados em português e publicações realizadas entre os anos 2010 a 2020. Por fim, o trabalho foi dividido nos seguintes tópicos: O efeito Gaslight nas relações afetivas heterossexuais; O fenômeno frente à violência contra a mulher por meio da perspectiva materialista de gênero; Relação entre Loucura e saúde mental da mulher nos dias atuais. O primeiro tópico apresenta como esse tipo de violência ocorre nos relacionamentos afetivos heterossexuais de forma naturalizada, como pode ser identificado e como o patriarcado contribui para a sua propagação. O segundo tópico explica a relação entre o termo Gaslighting com a violência contra a mulher por meio da perspectiva materialista de gênero, por meio de um aporte teórico acerca da violência, das leis, com ênfase na Lei Maria da Penha. O terceiro e último tópico, realiza um breve histórico a respeito da loucura e como as mulheres ainda são afetadas por esse discurso machista e patriarcal.

2 O efeito Gaslighting nas relações afetivas heterossexuais

A presente categoria tem como objetivo apresentar estudos que abordam a presença do fenômeno gaslighting nas relações afetivas com ênfase nos relacionamentos heterossexuais. Desse modo, o assunto pode ser evidenciado nos estudos de ARMILIATO, & ALVES (2019); DE LUCAS; FERNANDES & TAKEMOTO (2020); SOUZA, & GUARESCHI (2017); SARKIS (2019); STOCKER & DALMASO (2016).

Em meados de 1958, a palavra *gaslighting* e seu uso foi documentado (YAGODA, 2017 apud SARKIS, 2019, p.10). No entanto, o conceito só foi incluído e definido como violência no Oxford English Dictionary em dezembro de 2004 (SARKIS, 2019, p.10).

O termo *gaslighting* surgiu por meio da peça teatral chamada “Gas Light” que foi lançada em 1938 por Patrick Hamilton, e que demonstrava em seu roteiro cenas onde ocorria a manipulação do marido para com a esposa, com o objetivo de a enlouquecer. Com o sucesso da peça, Thorold Dickinson produziu o filme “Gaslight”, o qual foi lançado em 31 de agosto de 1940 no Reino Unido, e devido ao seu sucesso, o termo “*gaslighting*” foi popularizado.

Assim como foi evidenciado no filme “Gaslight”, é perceptível que a insegurança da protagonista Bella, assim como a sua idealização pelo marido, são tidos como aspectos que contribuem para a construção de um cenário manipulador. Desse modo, percebe-se que há muito tempo, os homens têm tido uma crença na sua superioridade sobre as mulheres e isso permeia até os dias atuais por meio da organização da sociedade e do sistema patriarcal (ARMILIATO, & ALVES, 2019, p.278). Para Araújo (2008, apud ARMILIATO, & ALVES, 2019, p.278), gênero consiste em um dos principais motivos pelo qual as mulheres internalizam e naturalizam a dominação masculina, dessa forma, as mulheres que se encontram em situação de violência e/ou opressão dificilmente conseguem romper esse tipo de relacionamento.

De acordo com o dicionário Cambridge online de inglês, “*gaslighting*” consiste na “ação de enganar ou controlar alguém, fazendo-a acreditar em coisas que não são verdadeiras, especialmente sugerindo que elas podem estar doentes mentais”(CAMBRIDGE DICTIONARY, 2020). Apesar de ser um conceito novo, o fenômeno ocorre de várias maneiras no cotidiano e em várias esferas. Desse modo, ao analisar o conceito de *gaslighting*, percebe-se que as relações de poder desiguais entre os gêneros, assim como a opressão machista faz com que essa violência afete a todos, independente do sexo (DE LUCAS; FERNANDES, & TAKEMOTO, 2020, p.102). A autora Margarites (2015, apud SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.16), menciona Simone Beauvoir, a qual afirma que a submissão e a dominação estão presentes na relação entre homens e mulheres.

Partindo desse pressuposto, Saffioti (2001, p.117) conceitua dominação-exploração, assim como, exploração-dominação, com o objetivo de compreender essas duas dimensões do processo de sujeição de uma categoria social compartilhando a análise realizada por Freyre, que destaca como a colonização brasileira atua servindo diretamente aos interesses mercantis europeus, e como a dominação do homem da família patriarcal e do senhor são os dominadores dessa organização que se solidifica no Brasil com o objetivo realizar a

exploração econômica, social e sexual das mulheres (OLIVEIRA, 2019, p.12). Ao conceituar dominação simbólica, Bourdieu (1998, p.41 apud SAFFIOTI, 2001, p.118) compreende que a própria dominação consiste em um ato de violência, levando em consideração que a violência simbólica se insere por meio da aceitação do dominado pelo dominador, onde ocorre a naturalização de certos comportamentos que o dominado não avalia e percebe como violência.

Dentro das relações entre mulheres e homens é perceptível a existência de uma desigualdade de gênero que não é cedida, mas sim regularmente construída (SAFFIOTI, 2004, p.75). No âmbito familiar, percebe-se que a desigualdade está presente por meio da hierarquia, onde os homens são considerados os dominadores-exploradores, enquanto as mulheres e crianças são dominados-explorados. Sendo assim, os homens estão autorizados a realizar o processo de dominação-exploração para com as mulheres, mesmo que haja a necessidade do uso da força (SAFFIOTI, 2001, p.121). A sociedade é conivente com esse comportamento, produzindo a estimulação da força-potência-dominação dos homens contra as mulheres, e esse consentimento social faz com que ocorra a conversão da agressividade em ato, ou seja, em agressão (SAFFIOTI, 2004, p.75).

De acordo com de Lucas, Fernandes e Takemoto, o fenômeno *gaslighting* pode ser compreendido como um indício de como a vida de muitas mulheres irão ficar ao decorrer dos anos, tendo em vista que tal fato provoca terror psicológico, assim como, contribui para a produção de diferenças assimétricas de gênero ao não afetar a vida de homens e meninos (2020, p.106). Joan Scott reitera a respeito da importância do uso do termo gênero, o qual refere-se sobre a relação entre os sexos dentro de uma organização social. A presente conceituação perpassa por duas proposições centrais, uma está relacionada a um elemento característico das relações sociais que está apoiado nas diferenças entre os sexos, por meio de uma forma primária que fornece significado às relações de poder (1995, p.72 apud STOCKER, & DALMASO, 2016, p.680).

Sarkis (2019), psicanalista e autora do livro “O fenômeno Gaslight”, correlaciona o termo *gaslight* com um jogo de poder, o qual está presente em diversos contextos por meio da manipulação psicológica, e que ocorre na relação entre duas pessoas, independente do tipo e do sexo, onde o *gaslighter* tem como objetivo resguardar seu senso e poder no mundo, enquanto a vítima o idealiza e procura por aceitação (SARKIS, 2019, p. 12).

Assim como para Sarkis, para uma melhor compreensão do fenômeno *gaslight*, será utilizado no presente trabalho a denominação *gaslighter* para o indivíduo que comete a manipulação.

Os autores de Lucas, Fernandes e Takemoto, mencionam em sua pesquisa cinco técnicas da manipulação gaslighting segundo a ONG Love is Respect: Retenção, que ocorre quando o gaslighter se recusa a ouvir ou a entender o que a outra pessoa está falando; Contestação, quando apesar da memória da vítima estar em perfeitas condições, o gaslighter passa a questioná-la; Bloqueio/Desvio, o gaslighter muda de assunto repentinamente e passa a questionar os pensamentos da vítima; Banalização, para o gaslighter as necessidades e os sentimentos da vítima não possuem importância; Esquecimento/Negação, ocorre a negação dos acontecimentos por parte do gaslighter por meio de fingimentos (2020, p.113). Os comportamentos supracitados faz com que a vítima sofra com a perda gradativamente da sua autoestima, e com o desenvolvimento de psicopatologias, ou doenças psicossomáticas (FONSECA et al., 2012 apud SOUSA, & GUARESCHI, 2019, p.284).

Em suma, Beauvoir (1976 apud SOUZA, 2017, p.22) manifesta que o amor é um sentimento que foi fornecido à mulher como vocação, e ao dedicá-lo a um homem, reflete-se nele a imagem de deus. Desse modo, o comportamento violento dos homens é resultado de uma sociedade que aprova o sofrimento da mulher e naturaliza o relacionamento abusivo (DANTAS-BERGER & GIFFIN, 2005, apud AMILIATO, & ALVES, 2019, p.290). É necessário romper os padrões culturais e normas sociais entre as mulheres e os homens, para que a dominação do homem sobre a mulher seja banalizada e desaprovada (SILVA, & OLIVEIRA, 2015 apud SOUZA, 2017, p.17).

2.2 O fenômeno Gaslighting frente à violência contra a mulher por meio da perspectiva materialista de gênero

Na perspectiva internacional, o Brasil é um país “signatário de todos os acordos internacionais que asseguram de forma direta ou indireta os direitos humanos das mulheres, bem como a eliminação de todas as formas de discriminação e violência baseada no gênero” (DIAS, 2019, p.279). Desse modo, a partir da aceitação dos presentes acordos e tratados, o Estado têm como obrigação oferecer igualdade de todos os direitos sociais, culturais, econômicos, civis e políticos para as mulheres e para os homens, assim como a Constituição Federal brasileira tem como objetivo garantir a igualdade entre ambos (DIAS, 2019, p.279 apud BROGGIO 2020, p.178). Considerando este aspecto, esta categoria foi construída a partir de estudos de ALENCAR (2016); ARMILIATO, & ALVES (2019); BROGGIO (2020);

COLLING (2020); NEVES, & NEVES (2017); SOBRAL (2019); SOUZA, & GUARESCHI (2017).

A partir de 2002 a Organização Mundial de Saúde (OMS), passou a considerar a Violência contra a Mulher (VCM), como um problema de saúde pública, assim como uma violação dos Direitos Humanos (CURIA et al., 2020, p.3). Para Dahlberg e Krug (2019 apud Sobral, 2019, p.20), por meio de trabalhos científicos, foi analisado que a violência é um grave problema de saúde pública, tendo em vista que as vítimas de violência doméstica e sexual adquirem mais problemas de saúde, gerando assim, altos custos de tratamento e consultas ao decorrer de sua vida do que pessoas que não perpassam por tais situações.

De acordo com a OMS a violência consiste na utilização do poder, ou da força física que resulte em lesão, dano psicológico, privação e deficiência de desenvolvimento contra si próprio, contra outro indivíduo ou um grupo ou uma comunidade (KRUG EG et al., 2002, p.5). A inserção da palavra “poder” e a utilização da frase “uso da força física”, faz com que outros atos para além do seu entendimento convencional a respeito de violência sejam incluídos, inserindo assim, práticas como intimidação e ameaças. Já em relação ao “uso da força ou do poder” deve ser compreendido como um meio de inclusão de todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico (KRUG EG et al, 2002, p.5).

Segundo Araújo (2008 apud ARMILIATO, & ALVES, 2019, p.276), para a literatura, a violência do homem para com a mulher pode ser considerada uma das formas em que a violência de gênero ocorre. Levando em consideração a manutenção de papéis sociais definidos para mulheres e homens, e pelo fato de que a violência para com a mulher é comumente realizada por um homem, pode-se assim, considerar que a VCM é uma forma de violência de gênero (MUHLEN, & STREY, 2013; SCOTT, 1995 apud CURIA et al, 2020, p.3). Por mais que a violência ocorra nas relações de gênero, percebe-se que ao analisar os diagnósticos realizados nos serviços de saúde, o reconhecimento de tal fato dificilmente é abordado (SCHRAIBER, & D’OLIVEIRA, 1999; SUGG, 1992 apud SCHRAIBER et al., 2002, p.471). Mediante o patriarcado e suas categorias subjugadas, considera-se o conceito de violência de gênero amplo, e que insere todos os sexos e todas as idades, que são punidas por serem consideradas desviantes pela função patriarcal (SAFIFIOTI, 2001, p. 115 apud NEVES E NEVES, 2017,p.7).

Com o intuito de expor e conscientizar a população, o Instituto Maria da Penha (IMP) criou o site “Relógios da Violência”, que tem como objetivo propagar em tempo real o número de vítimas da violência de gênero no Brasil. Este trabalho foi realizado por meio de informações referentes a uma pesquisa Datafolha, atribuída pelo fórum brasileiro de

segurança pública, realizada em 2017. Segundo os Relógios da Agressão, a cada 2 segundos uma mulher é vítima de violência física ou verbal, a cada 2.6 segundos uma mulher é vítima de ofensa verbal, e a cada 6.3 segundos uma mulher é vítima de ameaça de violência.

A Lei nº11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, sancionada no dia 7 de agosto de 2006, refere-se à criação de mecanismos a fim de coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Na presente lei, estão previstas cinco modalidades de violência doméstica e familiar contra a mulher, podendo ocorrer das seguintes formas: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V (BRASIL, 2006).

Para melhor compreensão, é preciso realizar uma conceituação breve a respeito de cada violência. De acordo com o inciso I, a violência consiste em qualquer ato que lesione a saúde e o corpo (DIAS, 2019, p.89 apud BROGGIO, 2019, p.186). O inciso II diz respeito à violência psicológica, e que pode ser considerada também uma agressão emocional, sendo capaz de ser tão grave quanto a violência física (DIAS, 2019, p.92, apud BROGGIO, 2019, p.186). De acordo com o inciso III, a violência sexual, sendo o mais conhecido o estupro, consiste em qualquer conduta realizada que contranja e obrigue o sujeito a estar em uma relação sexual sem consentimento, por meio de ameaça, intimidação, uso da força e coação, assim como o impedimento do uso de método contraceptivo (BRASIL, 2006). O inciso IV é a violência patrimonial é qualquer comportamento que represente destruição parcial ou total de seus objetos, assim como a retenção e a subtração dos mesmos (BRASIL, 2006). O último inciso é a violência moral que é compreendida como qualquer comportamento que resulte em acusação sem provas, calúnias, difamação e injúria (BRASIL, 2006).

Alencar (2016, p.27) afirma que a violência doméstica contra a mulher se diferencia de todos os outros tipos de violência, devido a existência de particularidades psicossociais, e pelo sentimento duplo nutrido em relação ao agressor. Além disso, a presente categoria de violência carrega diversos fatores que as acobertam, como o medo, a sociedade e a culpa. No entanto, percebe-se que o fenômeno gaslighting possui um grau elevado de perigo, tendo em vista que a pessoa que está sofrendo geralmente não percebe que está sendo acometida por esse tipo de abuso (ARMILIATO, & ALVES, 2019, p.277) e violência emocionalmente violenta (ONDDA, 2016 apud ROSOSTOLATO, 2019, p.57).

De acordo com Liguori (2015 apud SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.11) gaslighting é considerado uma violência emocional que ocorre por meio da manipulação psicológica, com o objetivo de fazer com que a mulher e todos em sua volta questione a sua

sanidade mental (NEVES, & NEVES, 2017, p.9). Para Stocker e Dalmaso (2016 apud DE LUCAS; FERNANDES, & TAKEMOTO, 2020, p.102) às informações distorcidas e/ou omitidas produz na vítima uma série de dúvidas relacionadas a sua sanidade, memória e percepção, sendo considerado uma tortura psicológica que ocorre de forma sutil por meio de frases como “você está louca” e “você está imaginando coisas” (COLLING, 2020, p.186).

A VCM é caracterizada por ser um fenômeno de grande complexidade, e que as interrelações com os demais fatores, sendo biológicos, políticos, econômicos, sociais e culturais estão associados e enraizados para a ocorrência desse tipo de violência. As mulheres, independentemente de onde sejam, sempre são afetadas (SÁ, & WERLANG, 2013 apud SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.8). Além disso, Saffioti (1999, p.84) afirma que a violência, em todas as suas modalidades, não acontece de forma isolada e independente da sua manifestação, a violência emocional sempre está presente, assim como a violência moral.

2.3 Relação entre Loucura e a saúde mental da mulher nos dias atuais.

Para o presente tópico, serão utilizados os trabalhos de SOUSA (2017); JUNIOR (2019); DE LUCAS, FERNANDES, TAKEMOTO (2020); PERNA (2017); ARMILIATO & ALVES (2017); SOUZA, & GUARESCHI (2017); BILLAND, & PAIVA (2016).

Referente ao termo “louca”, é necessário realizar uma breve explanação sobre o seu contexto e como surgiu. Em meados do século XVII, o médico Richard Napier, apresentava em seus registros que as mulheres compunham o dobro de casos de transtornos mentais (SHOWALTER, 1985, p.3). Ao estudar sobre a história da loucura, percebe-se que nesse período dois grupos ficaram sem voz, a dos considerados até então loucos e as das mulheres. Segundo Showalter (1985, p. 5-6), as mulheres foram silenciadas devido ao fato de que no percurso da história da psiquiatria os discursos sobre o tema eram realizados por homens sobre mulheres loucas. A loucura é considerada uma doença feminina por acometer mais mulheres do que homens, e metaforicamente, ainda possui a mesma atribuição quando são vivenciadas pelos homens (ZANELLO, 2019, p.21).

Para Smith-Rosenberg (1985, p.198-199), na última metade do século XIX, as mulheres estavam em uma posição social turbulenta. Naquela época, a sociedade americana valorizava traços e papéis para homens e mulheres, para o primeiro consistia em características que demonstram agressividade, força de vontade e determinação, enquanto para as mulheres se esperavam particularidades que perfizeram o papel de “mulher

verdadeira” e “mãe ideal”, a qual deveria ser frágil, dependente e delicada. Para Sousa (2013 apud SOUSA, 2017, p.90), as mulheres estavam em uma posição semelhante com as dos escravos, devido ao fato de que a sua identidade moral era submetida ao vocabulário hegemônico dos homens impossibilitando a sua própria criação.

No final do século XIX, foi realizada uma pesquisa no Brasil por Engels (2004) sobre a importância da prática psiquiátrica e das mulheres, onde pode-se observar que os diagnósticos de doença mental entre mulheres e homens ocorriam em situações diferentes. Para as mulheres, giravam em torno da sexualidade e da ruptura de um ideal de maternidade, enquanto para os homens relacionam-se a desvios de papéis sociais aos quais eram atribuídos (ZANELLO, 2004, p.24).

No século XX, a maior parte de pacientes dos hospitais psiquiátricos públicos e privados eram mulheres (SHOWALTER, 1985, p.3). A loucura é vista como uma forma eficaz e/ou forte de resistência, ou seja, a loucura e a histeria feminina estão relacionadas em sentimentos de revolta ao sofrimento ocasionado pela opressão patriarcal, que são destacadas pela posição impotente a qual as mulheres são colocadas (CHESLER, 2005, p. 177).

O comportamento e reflexões das mulheres acerca das razões sociais eram silenciados e para se opuser a cultura patriarcal agiam sozinhas “quebrando” as regras impostas pelos homens (CHESLER, 2005, p.115-116). E devido a isso, historicamente as mulheres são vítimas comuns da violência simbólica, onde são vistas e tratadas como loucas, com o objetivo de diminuí-las por meio da dúvida de sua capacidade intelectual, e suas potências éticas e políticas (TIBURI, 2016 apud PERNA, 2017, p.10).

O ano de 2010, foi um marco histórico para o poder feminino na política, visto que, pela primeira vez, a população brasileira elegeu democraticamente Dilma Rousseff para assumir a presidência do país. No entanto, no ano de 2016, em seu segundo mandato, foi realizado um impeachment que acarretou em sua retirada do cargo (SALIBA, & SANTIAGO, 2016, p.92).

Ao analisar a imagem de Dilma, percebe-se que é uma mulher que foge dos padrões impostos pela branquitude burguesa, europeia, e obediente, e que isso contribuiu para a distorção e manipulação da sua imagem pela mídia no período do seu impeachment, onde foi publicado por inúmeras revistas que a presidenta era louca, agressiva, histérica, doente, e má por meio de figuras e montagens com teor sexual e ofensas machistas (TIBURI, 2018, p.113). Contudo, no mesmo ano da saída de Dilma da presidência e do empossamento de Michel Temer, a imagem de Marcela Temer - mulher loira, alta, dos olhos azuis - foi utilizada em uma revista no Brasil com a legenda “bela, recatada e do lar”.

Ussher (2011, p.73), afirma que a definição da mulher “louca” desempenha, conseqüentemente, a definição do que é julgada “mulher boa”, pois, a figura da mulher louca é um modo de controle comportamental para as mulheres, onde ocorre opressão para que estas cumpram as regras sociais e o desempenho de seu papel de gênero. Segundo Lima (2016 apud SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.18) o movimento antimanicomial e a luta feminista identificam-se pelo fato de que ambos foram reprimidos, excluídos e normalizados. Desse modo, a não conformidade em relação aos padrões de gênero, por muitas vezes, geraram a discussão acerca da sua definição, correlacionando-o com a loucura, promovendo assim, a exclusão das mulheres da sociedade, assim como a desqualificação de seu discurso (LIMA, 2016).

Por mais que os conceitos relacionados à mulher foram historicamente construídos pela/na cultura, frequentemente são reforçados para que não sejam questionados e que as suas origens sejam encobertas, produzindo a naturalização desse movimento por meio da sua propagação com o intuito de mascarar seu cunho ficcional (DE LUCAS, FERNANDES; TAKEMOTO, 2020, p.107).

A análise da identidade feminina foi objeto de estudo para várias feministas, dentre estas, temos a Simone de Beauvoir (1949 apud SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.17), que em um dos seus trechos mais conhecidos afirma que a sociedade e os homens qualificaram, ao decorrer do tempo, o que é feminino. Desse modo, a definição do que é mulher na sociedade não ocorre por meio do destino psíquico, biológico e econômico. O indivíduo torna-se mulher devido aos papéis sociais impostos (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

Segundo o sociólogo Collete Guillaumin, a identidade feminina era um verdadeiro projeto existencial, ou seja, não era algo “dado”, mas sim algo imposto (apud BILLAND, & PAIVA, 2016, p.23). O diagnóstico psicológico e/ou médico referente à sanidade mental da mulher pode estar correlacionado com as construções sociais e crenças a respeito do que é considerado normalidade para o profissional que o fez. Sendo assim, percebe-se que a “loucura” da mulher está relacionada ao papel de gênero construído e socialmente atribuído e não como um comportamento patológico e anormal (MOREIRA, 2017, p.49).

Para Junior (2019, p.28), há décadas a psiquiatria caracteriza os indivíduos que possuem transtornos de personalidade. Ao decorrer dos anos, para referenciar pessoas que fugiam dos padrões de comportamentos interpessoais considerados pelas normas morais vigentes, foi definido o nome de transtorno mental. No livro “História da Loucura”, o filósofo Michel Foucault (1964 apud SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.18) evidencia que ao percorrer da história, o controle social era feito por meio do termo normalidade e a sua

definição. Em contrapartida, Castel analisa que a história perpassa por um plano da mudança das racionalidades, e que o advento das instituições psiquiátricas e dos asilos constituem em uma reformulação do cenário da assistência social europeia como uma forma de reação ao crescimento da “questão social” que consiste na inquietação referente à capacidade de conservar a coesão de uma sociedade, e a ameaça de quebra de coesão do conjunto é apresentada pela existência de um determinado grupo (CASTEL, 1995, p. 41 apud CARVALHO, & PIZA, 2016, p.26) . Sendo assim, um indivíduo que fugisse desses modos, era julgado pela sociedade como incapaz e manipulável. Com as mulheres, a situação não era diferente, pois ao longo da história foram consideradas insanas por inúmeras justificativas não plausíveis e foram internadas em manicômios, pois ao serem diagnosticadas com alguma patologia e por serem julgadas como loucas, os homens tiravam sua autonomia. Por fim, ao contribuir e propagar estes estigmas, a desigualdade das relações de poder são potencializadas e com isso, ocorre a produção de diversas formas de violência, que são vistas e vivenciadas por inúmeras mulheres todos os dias (SOUZA, & GUARESCHI, 2017, p.23).

3 METODOLOGIA

O presente artigo utilizou o método dedutivo, que tem como princípio aplicar recursos reconhecidos como verdadeiros que proporcionam conclusões formais por meio de sua lógica (GIL, 2008, p. 9). Além disso, foi realizado um estudo exploratório através de uma pesquisa bibliográfica.

A revisão bibliográfica ou revisão de literatura tem como finalidade construir uma contextualização para o problema e por meio de análise das probabilidades presentes na literatura selecionada para consulta elaborar o referencial teórico da pesquisa (ALVES-MAZZOTTI, 2002). Cervo e Bervian (2002) reiteram que a pesquisa de revisão de literatura pode ser realizada em junção a uma pesquisa descritiva por meio do esclarecimento de uma temática e de referências teóricas publicadas. Sendo assim, ao realizar esse modo de produção, é necessário elaborar o levantamento bibliográfico através da coleta de material em fontes científicas e de divulgação de ideias, e, por conseguinte, analisar o conteúdo para que o pesquisador produza ensaios que beneficiem a problematização, contextualização e uma primeira validação da investigação do quadro teórico escolhido.

A revisão bibliográfica é dividida em narrativa, sistemática, e integrativa, e são definidas de acordo com o método de elaboração selecionado para o trabalho. Para o presente

artigo, foi selecionado a revisão integrativa da literatura que tem como objetivo realizar uma análise ampla da literatura, buscando contribuir para as discussões acerca dos métodos e resultados de pesquisas, além de, gerar reflexões para futuros estudos a respeito da temática.

A revisão foi elaborada por meio de duas etapas: a primeira consistiu em uma pesquisa em livros, artigos e teses existentes no banco de dados das plataformas Portal de Periódicos CAPES/MEC, Scielo e Google Acadêmico utilizando distintas combinações entre as palavras-chaves “gaslighting”, “violência psicológica”, “violência de gênero?”, “violência contra a mulher” e “louca”. Desse modo, o material foi selecionado a partir dos seguintes critérios de inclusão: trabalhos publicados nos últimos 10 anos, que discorrem acerca da temática do fenômeno gaslighting ou violência de gênero; publicações escritas em português.

Seguindo os critérios supracitados, a busca teve início na plataforma Portal Periódicos CAPES/MEC. Primeiramente foi utilizado na opção busca avançada as combinações entre as palavras-chaves “gaslighting” e “violência contra a mulher”, e selecionada a opção de produções publicadas nos últimos 10 anos e com o idioma em português obtido como resultado o total de um artigo. Após isso, foi realizada uma nova busca avançada com as palavras “gaslighting” e “violência de gênero”, sendo selecionada a opção com data de publicação nos últimos 10 anos, e o idioma português resultando o total de 3 artigos. A terceira combinação de palavras “gaslighting” e “violência psicológica”, utilizando a busca avançada com a data de publicação selecionando a opção nos últimos 10 anos, ocasionando assim em dois resultados. A quarta pesquisa consistiu na combinação “gaslighting” e “louca”, foi selecionado as opções de data de publicação nos últimos 10 anos e o idioma em português, e obtiveram-se como resultado duas publicações. E para finalizar a pesquisa, a última palavra utilizada foi “gaslighting”, com a opção de publicação nos últimos 10 anos e também foi selecionado que aparecesse apenas publicações com o idioma português, deste modo, obteve-se apenas 3 resultados. Após isso, foram selecionados quatro trabalhos, sendo três artigos e uma tese para a leitura íntegra do conteúdo.

Na plataforma Scielo, ao realizar pesquisas com as combinações entre os termos “gaslighting”, “violência psicológica”, “violência contra a mulher”, “violência de gênero” e “louca”, entretanto não foram identificados documentos relacionados com a pesquisa.

Por fim, a pesquisa na plataforma Google Acadêmico iniciou com as combinações entre as palavras “gaslighting” e “violência psicológica”, foi estipulado o período entre 2010 a

2020 e que as páginas dos resultados fossem em português. A partir disso, foram encontradas o total de 164 publicações. Após isso, foi realizada uma nova pesquisa com as palavras “gaslighting” e “violência contra a mulher”, foram utilizados como refinamento o período entre 2010 a 2020 e que as páginas dos resultados fossem em português, e obteve-se o total de 178 resultados. Na terceira busca, as palavras “gaslighting” e “violência de gênero” foram utilizadas e também foi determinado o período entre 2010 a 2020 e que as páginas dos resultados fossem em português, resultando o total de 183 resultados. Para finalizar a pesquisa, foi utilizada a combinação entre as palavras “gaslighting” e louca”, selecionado a opção de data de publicação entre 2010 a 2020, e que os resultados fossem apenas em português, desse modo, obteve-se como resultado o total de 77 publicações.

Sendo assim, constatou-se o total de 614 trabalhos, todavia, analisou-se que muitos resultados obtidos “fugiam” da temática escolhida e após a análise de seus resumos, foram descartados. Para a completa análise do trabalho e o início da segunda etapa, foram selecionados o total de quinze produções científicas, segundo os objetivos, métodos e principais resultados dos estudos efetuados. A Figura 1 descreve as etapas da revisão de literatura.

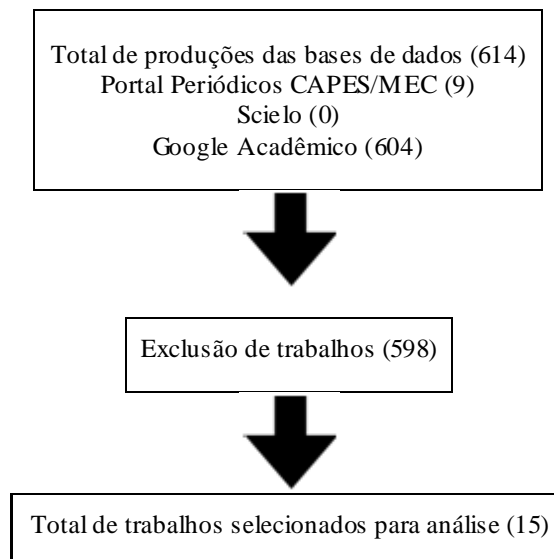


Figura 1. Etapas da revisão de literatura.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nas pesquisas realizadas, percebe-se que a quantidade de publicações em português a respeito da temática Gaslighting ainda é considerada baixa, ao levar em consideração a quantidade de casos registrados anualmente de violência contra a mulher no

Brasil. Além disso, para uma maior investigação, foi necessário realizar combinações com distintos tipos de violência que acomete a mulher, no entanto, no material coletado para análise deste trabalho poucas publicações referem-se ao “gaslight” e aos efeitos causados dessa manipulação na vida do sujeito. Vale acrescentar que, ao pesquisar as combinações entre as palavras-chaves escolhidas, é notável que muitos resultados da plataforma Google Acadêmico fugiam da temática, o que ocasionou na exclusão de uma considerável parte das publicações.

Para a realização do presente artigo, foram selecionadas quinze produções científicas, sendo importante ressaltar que a maioria referiam-se a relacionamentos heterossexuais, e que o fenômeno gaslighting normalmente ocorre por meio do homem para com a mulher. Para a execução do trabalho foi escolhido o fenômeno na violência contra a mulher em relações íntimas heterossexuais a fim de explicitar como essa manipulação ocorre e seus efeitos. No entanto, se faz necessário mencionar que esse tipo de manipulação percorre em todos os tipos de relacionamentos, ou seja, vai para além de relações conjugais, e são comumente presentes no âmbito profissional e familiar, além disso, o sujeito que comete esse tipo de manipulação pode ser de qualquer sexo.

A maioria das publicações analisadas foram realizadas por meio de um referencial de literatura, e que, o fenômeno gaslighting acaba se divergindo de algumas significações em relação a tipologia de violência, variando entre violência psicológica e emocional. Para mais, alguns estudos demonstraram que as violências supracitadas são consideradas o primeiro passo das demais violências, e que devem ser identificadas e interrompidas no início do processo/ciclo. A insuficiência de publicações científicas e também midiáticas contribui para a ocorrência dessa violência em maior escala, por ser uma violência que não deixa marcas no corpo.

As publicações lidas geram reflexões acerca do patriarcado e de como os princípios, a moral, os costumes e modos de antigamente influenciam até hoje na vida da mulher e como ocorre generalização da história da mulher, tendo em vista que não ocorre a especificação de sua raça e classe social.

Sendo assim, foram considerados os principais resultados a respeito da temática Gaslighting, e elaborada as seguintes categorias: Efeito Gaslighting nas relações afetivas heterossexuais; O fenômeno Gaslighting frente à violência contra a mulher por meio da perspectiva materialista de gênero; Relação entre Loucura e a saúde mental da mulher nos dias atuais.

Tabela 1. Estudos selecionados para a revisão de literatura.

Autores	Local/ Ano	Origem/ Periódicos	Objetivo	Método	Principais resultados
JUNIOR	São Paulo/2017	Pós-Graduados em Tecnologia da Inteligência e Design Digital	Estabelecer o comportamento sociopata em ambientes virtuais.	Estudo exploratório e revisão de literatura.	As ferramentas de rastreamento digital podem ser usadas de formas positivas e negativas.
STOCKER, & DALMASO	Florianópolis/2016	Revista Estudos Feministas	Mapear e analisar os comentários ofensivos de leitores feitos a presidenta Dilma Rousseff.	Mapeamento e Análise realizada a partir do conceito de paráfrase.	Foi identificado que 56% dos comentários são de ofensas que contêm preconceito de gênero.
COLLING	Rio Grande/2020	Revista Diversidade e Educação	Realizar uma análise histórica da violência contra a mulher.	Análise histórica	O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo.
SARKIS	São Paulo/2019	Editora Pensamento-Cultrix	Compreender o fenômeno Gaslighting.	Revisão	O gaslighting ocorre em todos os âmbitos e relacionamentos.
BILLAND, & PAIVA	Rio de Janeiro/2017	Revista Ciência, saúde coletiva	Discutir limites e possibilidades relacionadas à prática de um grupo reflexivo junto a homens autores de VCM.	Realizar um estudo etnográfico por meio da observação-participante e entrevistas	O diálogo com os homens ampliam a sua consciência sobre o desencontro entre suas experiências pessoais.
DE LUCAS; FERNANDES, & YOSHIE TAKEMOTO	Juiz de Fora/2020	Locus: Revista De História	Conceituar o fenômeno gaslighting e suas formas de	Fundamentação teórica e Análise de produtos culturais e midiáticos.	Os estereótipos de gênero e o “gaslighting” alteram as relações, reforçam e naturalizam os sistemas de poder.
BROGGIO	São Paulo/2020	Revista Internacional da Academia Paulista de Direito	Analisar a situação sobre a violência contra a mulher por meio da transgressão.	Revisão de Literatura	É necessário que a sociedade aprenda a desconstruir padrões tradicionais que estão tão enraizados no Brasil.
ARMILIATO, & ALVES	Caxias do Sul/2019	Anais - VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG	Investigar o efeito Gaslight, e compreender o fenômeno da violência contra a mulher.	Revisão de literatura e Estudo exploratório	A violência psicológica é um problema de saúde pública e coletiva que resulta em efeitos para a saúde.
SOUZA,& GUARESCHI	Rio Grande do Sul/2017	Repositório Digital LUME	Investigar sobre o Gaslighting, um tipo de violência psicológica.	Revisão de literatura	A educação e validação social contribuem para o silenciamento das mulheres vítimas de violência.
ALENCAR	São Luís/2017	Biblioteca digital de monografia da Universidade Federal do Maranhão	Compreender os alcances e limites da Lei Maria da Penha.	Documentação indireta com pesquisa e revisão bibliográfica	A naturalização da violência psicológica pela sociedade e a sua aceitação e reprodução pelos sistemas de justiça.

NEVES, & NEVES	Florianópolis/2017	Anal. eletrônico do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress	Analisar a imagem como elemento para compreensão do próprio contexto social e cultural.	Referencial teórico-metodológico do Método Documentário de Interpretação e Análise qualitativa	A revista reproduziu o estereótipo da mulher louca, histérica, apelando para a misoginia e evidenciando a violência de gênero.
ROSOSTOLATO	2019	Revista Brasileira de Sexualidade Humana	Apresentar o conceito de masculinidades tóxicas e introduzir a concepção de alexitimia.	Revisão de literatura	É necessário rodas de conversas, encontros, palestras, seminários para gerar reflexões acerca das masculinidades hegemônicas e tóxicas.
PERNA	Brasília/2017	Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)— Universidade de Brasília	Descrever a percepção do público sobre comportamentos emocionais e estereótipos de gênero.	Pesquisa experimental	A demonstração de comportamento emotivo não parece penalizar mais mulheres do que homens no cenário político.
SOUSA	São Paulo/2017	Revista Psicanálise e gênero	Entender o prejuízo epistemológico do gaslighting e mansplain ing e relacionar com Fraser;	Neopragmatismo	Ao ter o vocabulário considerado insano e o vocabulário “lacunoso” dos grupos oprimidos, reflete-se sobre as relações humanas e as estruturas sociais.
SOBRAL	Fortaleza / 2019	Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará	Analisar a sistemática de proteção conferida às mulheres.	Revisão bibliográfica, do tipo qualitativa.	Destaca-se o papel que a vitimologia tem desempenhado viabilizando à vítima, e a preservação de seus direitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país com um número alto de denúncias de violência contra a mulher por parceiros ou ex-parceiros, e por meio dos estudos acerca do fenômeno gaslighting, percebe-se a sua ocorrência no início do ciclo da violência. A invisibilidade, assim como, a naturalização desse tipo de violência resulta no silenciamento das mulheres vítimas desse fenômeno.

Durante a elaboração do presente trabalho, a falta de produção científica a respeito da temática e também a sua invisibilidade nos meios midiáticos foram fatores preocupantes e que gerou reflexões em relação à importância de falar sobre o tema. Além disso, a

generalização da categorização das mulheres gerou questionamentos sobre quais mulheres os artigos estavam falando. Angela Davis afirma em seu livro “Mulheres, raça e classe” que quando, e se algum dia, alguém for capaz de acabar, por meio de uma visão histórica, com as discordâncias acerca das experiências das mulheres negras que foram escravizadas, esse indivíduo terá realizado um serviço importante. Ao contrário das mulheres brancas, as mulheres negras sempre trabalhavam mais fora de casa, e isso foi reproduzido como um padrão determinado nos primeiros anos da escravidão, ou seja, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa” (DAVIS, 2016, p.24).

Há anos os movimentos feministas lutam para a libertação da mulher e para a criação e sustentação de uma conscientização cultural acerca da violência doméstica. No entanto, a violência contra a mulher ganhou repercussão após o caso da farmacêutica Maria da Penha, que foi vítima de dupla tentativa de feminicídio por parte do marido e lutou por justiça durante 19 anos e 6 meses. Em 7 de agosto de 2006, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei n. 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha.

Contudo, ao analisar o papel do Estado frente à luta contra a violência à mulher, percebe-se a existência de uma falha, onde a mulher que é vítima de violência mesmo sendo amparada pelas leis, ainda está em situação de vulnerabilidade.

A violência no Brasil é estrutural e o patriarcado está consolidado, provocando a visibilidade do homem viril e vangloriado, e a propagação da mulher diminuída e rechaçada. Sendo assim, os papéis sociais impostos às mulheres e aos homens, por muito tempo, têm proporcionado dor e sofrimento.

O presente trabalho teve como objetivo contribuir para a reflexão acerca da temática, gerar questionamentos, incentivar futuros trabalhos e dar voz a essas mulheres que foram e são silenciadas por serem consideradas loucas por acreditar em seu potencial e lutar pela libertação da mulher. Ao realizar o estudo a respeito do gaslighting e após assistir o filme “Gas Light”, percebe-se a necessidade de expor e conscientizar as pessoas sobre esse fenômeno cultural presente cotidianamente nas relações afetivas, familiares, profissionais e políticas por meio de uma sociedade patriarcal e machista, a qual se deve colocar um ponto final.

Finalizo o artigo com o pensamento de Simone de Beauvoir, que está relacionado à luta das mulheres que estão em busca do fim do sexismo, exploração sexista e da opressão: “Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre”.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gabriela Serra Pinto de. **Análise da agressão psicológica contra a mulher e a violência simbólica**: alcances e limites da Lei Maria da Penha. 2017. 109f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal do Maranhão, Campus do Bacanga, 2017. Disponível em <<https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/1754>> Acesso em 18 de Setembro 2020.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith . A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússula do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44.
- ARMILIATO, Claudia; ALVES, Cássia. Gaslighting: as mulheres estão loucas?. In: Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG. 7., 2019. **Anais - VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG**, Caxias do Sul: Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, 2020. Disponível em <<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/4106>> Acesso em 20 de Setembro 2020.
- BILLAND, Jan; PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 9, p. 2979-2988, Sept. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902979&lng=en&nrm=iso>. acesso em 24 de setembro 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13742016>.
- BRASIL. **Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha. Art. 7. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm . Acesso em: 15 maio 2020.
- BROGGIO, Camila Sândalo. O feminicídio pós lei maria da penha. uma visão sobre a eficácia social da norma e alinhamento com os direitos humanos. **Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito**, São Paulo, n.5, p.176-198, maio, 2020.
- BUSIN, Valeria Melki; PAIVA, Vera Silvia Facciolla. **Morra para se libertar: estigmatização e violência contra travestis**. 2015. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-14072015-092040/>>.
- CAMBRIDGE INTERNATIONAL DICTIONARY OF ENGLISH. Cambridge, UK: **Cambridge University Press**, 2020. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/> Acesso em 10 de abril 2020.
- CARVALHO, Bruno P.; PIZA, Helen da C. T.. A HISTÓRIA DA LOUCURA NUMA PERSPECTIVA MARXISTA. **Dialektiké**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 18-35, jun. 2016. ISSN 2359-1323. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/5549>>. Acesso em: 06 dez. 2020. doi:<https://doi.org/10.15628/dialektike.2016.5549>.
- CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro et al. **Atlas da Violência 2019**, Rio de Janeiro, 2019. repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9489.

CERVO, Amado Luiz . BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COLLING, Ana Maria. VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES – HERANÇA CRUEL DO PATRIARCADO. **Diversidade e Educação**, [S.l.], p. 171 - 194, mar. 2020. ISSN 2358-8853. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/10944>>. Acesso em 20 de Setembro 2020. doi:<https://doi.org/10.14295/de.v8iEspeciam.10944>.

CHESLER, Phyllis. **Women and Madness**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

CURIA, Beatriz Gross et al. Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. **Psicologia ciência e profissão**, Brasília , v. 40, e189184, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932020000100103&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 de setembro 2020. Epub May 18, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189184>.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DATASENADO. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Senado Federal/Secretaria de Transparência, dez. 2019. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/arquivos/violencia-contr-a-mulher-agressoes-cometidas-por-2018ex2019-aumentam-quase-3-vezes-em-8-anos-1> Acesso em 20 de maio 2020.

DE LUCAS, Carlos Henrique; FERNANDES, Fabio de Sousa; TAKEMOTO, Diana Yoshie. “A louca dos gatos” ou sobre como gaslaitear o feminino: um estudo sobre a violência psicológica no âmbito do gênero. **Locus: Revista de História**, v. 26, n. 1, p. 99-122, 17 abr. 2020.

DIAS, Maria Berenice. **Conversando sobre Justiça e os Crimes contra Mulher**. Porto Alegre: Editora Livraria do Advogado, 2004.

ENGEL, Magali Gouveia. Psiquiatria e feminilidade. In: Del Priore, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. p.322-362. 2004.

FRENCH, Marilyn. **Beyond power: on women, men and morals**. London: Abacus, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Relógios da Violência**. Disponível em: <https://www.relogiosdaviolencia.com.br/> Acesso em: 06 maio 2020.

JUNIOR, Fabio de Paula Assis. **Sociopatas digitais: comportamento antissocial e empatia em ambientes virtuais**. 2017. 81f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Inteligência e Design Digital) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologia da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

KRUG, Etienne G.; MERCY, James A., DAHLBERG, Linda L.; ZWI, Anthony B. **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS. **Governo lança campanha de enfrentamento à violência contra a mulher**. Brasília, nov. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/novembro/governo-lanca-campanha-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 20 maio 2020.

MOREIRA, Lucianne Christina Fasolo Normândia. A revolta como patologia: a representação da insanidade da mulher em o limiar de Susan Glaspell. In: **Anais do Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013.

NEVES, Rita de Araujo; NEVES, Helena de Araujo. A representação da “mulher descontrolada” na imagem de capa da revista istoé que retratou a Presidenta Dilma “gritando”. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress**, 13.11., 2017, Florianópolis.

OLIVEIRA, Viviane Modda. Revisitando Heleieth Saffioti: a construção de um conceito de patriarcado. 2019. 95 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Sociologia) - Universidade Federal De São Carlos. São Carlos, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/Opas; 2002.

PERNA, Yasmim Leite Neres. Emoção e estereótipos de gênero: os efeitos da notícia na opinião pública. 2017. 51 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ROSOSTOLATO, Breno. Alexitimia e Masculinidades: do silêncio aos processos de desconstrução. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 30, n. 2, p. 55-64, 31 dezembro 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Violência de gênero no Brasil atual. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 443- 461, 1994. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16177>> Acesso em 15 de Setembro 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.13, n.4, p.82-91, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de Setembro 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 Setembro. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARKIS, Stephanie. O Fenômeno Gaslighting: saiba como funciona a estratégia de pessoas manipuladoras para distorcer a verdade e manter você sob controle. São Paulo: **Pensamento-Cultrix Ltda**, 2019. p.281. Tradução de: Denise de Carvalho Rocha.

SANTIAGO, Brunna Rabelo; SALIBA, Maurício Gonçalves . Bailarinas não fazem política? análise da violência de gênero presente no processo de impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**. Curitiba, v. 21, n. 21, ago. , 2016.

SCHRAIBER, Lilia Blima et al . Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. **Revista Saúde Pública**, São Paulo , v. 36, n. 4, p. 470-477, ago. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de Setembro 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000400013>.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

SHOWALTER, Elaine. **The Female Malady: Women, Madness and English Culture 1830-1980**, United States: Pantheon Books, 1985.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em Cena**: As novas roupagens do primeiro damismo na Assistência Social. Orientadora: Ana Maria Quiroga. Rio de Janeiro, 2009. 155p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SMITH-ROSENBERG, Carroll. The Hysterical Woman: Sex Roles and Role Conflict in Nineteenth-Century America. In: **Disorderly conduct: visions of gender in Victorian America**. New York: Alfred A. Knopf, 1985, p. 197-216.

SOBRAL, Graciele Palácio Graça. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**: a importância da vitimologia para proteção das vítimas e responsabilização dos agressores. 2019. 65 f. Monografia (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SOUSA, Nayara Barros de. Um vocabulário Insano: mulheres, injustiça epistêmica e injustiças sociais. In: Castro, Susana de; Correia, Adriano; Sparano, Maria Cristina de Távora. **Psicanálise e gênero**. 1. São Paulo : ANPOF, 2017. p.89-105.

SOUZA, Cristina Pereira de. **Gaslighting**: "você está ficando louca?": as relações afetivas e a construção das relações de gênero. 2017. 27f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/179502>> Acesso em 18 de Setembro 2020.

STARK, Cynthia. **Gaslighting, Misogyny, and Psychological Oppression**, 2. ed., Inglaterra: The Monist, 2019, Pages 221–235. Disponível em <<https://doi.org/10.1093/monist/onz007>> Acesso em 15 setembro de 2020.

STOCKER, Pâmela Caroline; DALMASO, Silvana Copetti. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 679-690, Dec. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000300679&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 de Setembro 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>.

TIBURI, Márcia. A Máquina Misógina e o Fator Dilma Rousseff na Política Brasileira. In. RUBIM, Linda; ARGOLLO, Fernanda. **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Ed.1. Salvador: Edufba, 2018. p. 105-116.

USSHER, Jane. **The Madness of Women**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Global consultation on violence and health. **Violence**: a public health priority. Geneva: WHO; 1996 (document WHO/EHA/ SPI.POA.2).

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHA 49.25. **Prevention of violence**: a public health priority. Forty-ninth Assembly. Geneva: World Health Association, 20-25 maio 1996.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: Cultura e processos de subjetividade. Curitiba: Appris editora, 2018.